



CONTOS

CONTO CIENTÍFICO

Mais um dia ensolarado para o povo de Manchester City, porém para o Dr. Jess era só um dos 365 dias do ano.

Ele estava vendo e revendo "De Volta Para O Futuro", o "seu filme".

No caso, pois ele seria estranho igual o Dr. Emmett Brown, dois fanáticos por ciência.

Mas J, como seus amigos o chamavam na escola, ele não tinha um Marty, achava melhor trabalhar sozinho.

- Vamos lá, isso só precisa de energia, não é coisa de Marte.

E de repente, a máquina começou a emitir uma

energia estranha, parecia estar sugando os raios do céu, e o relógio alterou para o ano de 5055.

- Onde eu estou?

O Doutor se escondeu atrás de uma coluna, e procurou com o olhar alguma informação de onde estava. Até que viu um painel dizendo "Um novo ano, um novo começo, bem vindos ao ano 5055!"

Ele entrou em pânico, como estava no ano de 5055 se até agora estava em 1989?

Foi percebendo a ausência dos homens em todo lugar, então não se expôs, por segurança.

J estava tentando chegar no local da sua oficina, mas enquanto tentava chegar lá pelo

Limpus, o "metrô voador", foi pego por robôs que rondam os espaços públicos.

Ao ser levado para a prisão de lá, encontrou um homem, e ficou pensando se ele saberia responder todas as suas quinhentas perguntas sobre o momento.

O homem levantou a cabeça e explicou:

- Homens são proibidos no mundo de hoje. Teve uma superlotação de mulheres e criaram uma fórmula para engravidar sem precisar de nós, então todos os homens estão aqui desde então.

O Dr. se assustou, pois só haviam 10 espaços com homens, cada um obtendo espaço para 4 pessoas.

J sabia que precisava sair de lá, então tentou puxar assunto com o outro, para ter uma ajuda.

- Então... você que é o Casco?

- Perguntou Jess, com uma cara meio assustada.

- Só me chamam assim pois tenho força física. Mas sou Clark, prazer.

- Prazer Clark, sou Jess.

E a conversa foi desenrolando. Jess nunca foi bom de conversa, mas parecia ser diferente com Clark.

Eles bolaram um plano que incluía: bombas, matança, mortais.. brincadeira, só iria precisar de um cérebro e vários músculos, que por sorte, eles tinham.

- Tá, e como que eu vou dar 3 "backflips" e um giro que espanta todo mundo?

- Verdade né... Ah então você pode dar um soco que deve bastar.

Clark colocou a mão na testa, como um "onde eu me meti?"

Eles seguiram o plano, e discretamente começaram a cortar um dos pés da cama que tinha lá, enquanto os guardas dormiam.

Tão avançado o mundo e não pensaram em colocar robôs pra vigiar.

Por sorte, e muita mesmo, conseguiram fugir, além da polícia ser logo atrás de um prédio alto e transparente, parecia vidro. Talvez por ser a prefeitura.

- Como a gente vai entrar aí? Escalando? - Perguntou J olhando para cima e depois para Clark, com os braços cruzados.

- Não, mas seria legal né?

- Voltando ao assunto, como vamos subir?

- Com isso! - Clark retirou de seus bolsos traseiros duas perucas femininas, mas não eram cabelos, e sim uma espécie de máscara que os robôs usam na

cabeça para não aparecer o sistema.

- Eu devo ter jogado pedra na cruz, só pode...

Clark deixou de lado o comentário e começou a vestir a peruca, assim Jess também.

Como os robôs têm aparências físicas diferentes, não foi muito difícil para eles se infiltrarem.

Eles subiram devagar, para não causar suspeitas, e quando chegaram deram uma desculpa (bem esfarrapada (não sei como acreditaram) para pegar o tubo que continha a energia necessária.

No caso, não tinham robôs irem lá, somente a presidente, dormindo.

Lá era o único lugar sem proteção por somente robôs irem lá, e tem as máscaras e tals, bom, você entendeu.

- Nunca mais que eu faço uma máquina do tempo,

misericórdia... - Comentou Dr. Jess.

- Nem eu.

- Ué, mas você não era dessa época?

- Claro que não, eu vim de 2023.

- E como são as coisas lá?

- Um pouco diferentes, mas você se acostumaria.

Bom, eles foram voltando e se conhecendo, agindo igual na ida.

Nenhum dos dois estavam confiantes, até porque era o ano 5055, tudo era estranho por toda parte.

Mas não, não existiam carros voadores, somente bicicletas por enquanto. E elas eram um tanto bizarras.

Possuíam características diferentes das que vemos hoje.

Como, por exemplo, eles não têm guidões, e sim controles. Sim, aqueles de videogames.

O plano estava indo bem, nada mais estranho que o normal, até que chegaram no terreno e se depararam com diversos robôs em volta da máquina, e perceberam que deu ruim ali.

- Opa! Camaradas, tudo bem? - Clark claramente não sabia agir como robô.

J deu um beliscão nas costas do amigo, que quase estragou o plano. "Quase".

- Eles não falam camarada, né. Fica quieto. - J falou num tom de sussurro.

- São os humanos! - Disse um robô que os avistou.

- Como assim humanos? Não existem humanos aqui? - Jess ficou confuso, e acredito que você também.

- Eu não podia contar, desculpe... - Era Clark falando às lágrimas, enquanto corria para a máquina.

Como assim contar? Clark era um traidor?

De qualquer forma, Jess tentou ir atrás da máquina, para se salvar, mas os robôs o pegaram e sua visão escureceu.

Ele estava na sua sala novamente, com "De Volta Para O Futuro" passando no exato momento que ele avançou no tempo, e as faíscas dos raios estavam sendo sugadas novamente para a máquina.

O ROUBO DE JÓIAS NO HOTEL COSMOPOLITAN

Era uma noite escura, naquela cidadezinha do caso anterior do nosso prestigiado Sherlock Holmes.

Eu estava no quarto de Holmes, ajudando a juntar seus papéis e roupas quando ouvi batidas vindo do exterior, então fui atender.

Era um dos mil jornais que eu sabia que meu caro amigo ia guardar para caso tenha um mistério envolvendo essa região.

Dei o papel para Sherlock e o mesmo começou a desembrulha-lo para ler. Ele transportava a seguinte matéria:

"Roubo de Jóias no Hotel Cosmopolitan

John Horner, de 26 anos, foi acusado de ter roubado do porta-joias da condessa de Morcar uma pedra preciosa conhecida como "carbúnculo azul". O guarda do hotel, James Ryder, prestou seu testemunho e disse que levou Horner ao quarto da condessa no dia do roubo para que ele consertasse a grade da lareira. O guarda permaneceu algum tempo no local, mas depois foi embora e deixou Horner sozinho. Ao voltar, viu que Horner havia saído,

percebeu que o cofre tinha sido arrombado e que o porta-joias da condessa estava vazio em cima da mesa. Ryder deu logo o alarme e Horner foi preso na tarde do mesmo dia, mas a pedra não foi encontrada nem nos bolsos nem no quarto do suspeito. Catherine Cusack, a empregada da condessa, disse que ouviu o grito de Ryder e entrou no quarto às pressas, onde viu as coisas como a outra testemunha descreveu. O inspetor Bradstreet contou como prendeu Horner, que alegou inocência aos gritos."

Os olhos de meu amigo de longo prazo foram de intrigando a cada palavra que eu o ouvia sussurrar, até que ouvi uma batida vindo de sua mão na mesinha que nos separara, e ele disse:

- Pode desempacotar as coisas, amanhã nossa agenda estará bem ocupada aqui, meu caro

Watson.

No dia seguinte Holmes passou horas analisando cada letra escrita naquele jornal que parecia que jogavam café nele, o que provavelmente nosso Sherlock fez.

Ele passou mais algumas horas pensando, até ouvir o relógio bater meio dia, e se dirigiu às pressas para o café paralelo à nossa pequena estadia.

- Bom dia, Catherine. - Sherlock Holmes foi falar com Catherine Cusack, a empregada da condessa citada no meio do jornal.

Houve aquela pausa dramática cotidiana de Sherlock entre o dia e o nome da, provavelmente, próxima vítima de questionamentos.

- Ah-ah, bom dia Sherlock. - Sim, eu cortei a parte que ela perguntou quem eu era, achei humilhante demais escrevê-la aqui.

O que eu reparei, e, acredito que Sherlock também reparou, foi a ponta de nervosismo da empregada da condessa ao falar. Parecia só nervosismo, mas talvez quem sabe.

- Onde está a sua patroa? - Nossa, foi bem direto.

- Eu não sei, ainda não entrei em meu horário de expediente, Sherlock Holmes. - Houve aquela pausa intrigante.

- Eu vi a condessa conversando com o inspetor ontem a noite, dizendo que iria checar alguma coisa de papelada.

Papelada? Mas que papelada? Ele havia sido preso, não haviam papeladas.

- Obrigada Srta. Cusack. - Ele parecia saber o que estava fazendo, então só fui atrás.

Holmes foi direto para a delegacia, mesmo sabendo daquela versão mixuruca do jornal, ele acreditava na Srta, Cusack.

Chegamos no ambiente que estava cercado de jornalistas até pouco tempo, e Sherlock Holmes estava prestes a ver o que tinha naqueles papéis, quando a condessa os virou rapidamente, causando um estrondo ao batê-los na mesa.

- Sherlock! Que surpresa agradável. Eu estava justamente falando aqui com o policia para ver onde você estava, e caso queira ir até o meu

quarto do hotel para investigar.

Meu amigo deu um sorriso ladino, falso (segundo meus instintos masculinos) e assentiu com a cabeça, indicando que gostaria de ir ao encontro do quarto da condessa.

Quando chegamos lá estava tudo bagunçado ainda, a cama mal feita e um pequeno rádio que Holmes localizou embaixo da cama. Obviamente a condessa não deve ter reparado, e também não falamos nada.

- Obrigada pela visita, cara Morcar, mas preciso ir, o dever me chama. - Ele não tinha dever, e essa foi a desculpa mais esfarrapada que eu já ouvi ele dar em todos esses anos.

A mulher tentou nos manter por mais tempo, mas Sherlock Holmes começou a ficar um

tanto desconfortável no local, então apenas saiu dando um tchauzinho .Ao sair, ouvimos cochichos com as palavras "roubo", "suborno" e "Horner" envolvidas.

Acenei para o cocheiro agradecendo, enquanto Sherlock disparou na direção de seu quarto 2 andares acima.

Ouvi Sherlock comemorando com um grito agudo, porém curto, que o rádio estava funcionando.

Ele ligou o radinho, e dessa vez até eu prestei atenção.

- Ouça bem, se você ousar falar aos oficiais que eu tenho algo a ver com esse roubo, você está ferrado, Horner. Você não merecia nascer, igual a sua mãe, aquela nojenta.

Sim, estamos pensando na mesma condessa Morcar.

- Não fale desse jeito da minha mãe! Não é culpa dela que o Henry preferiu-a. - John estava se exaltando.

- Mas agora eu tenho o carbúnculo, posso fazer o que quiser com ele. Então se quiser salvar a sua mãezinha, vais entrar nesse quarto assim que eu sair, falando que irá consertar algo, então você vai me entregar a pedra no lugar combinado, e quando você estiver atrás das grades, eu libero sua mãe.

Sherlock olhou para suas anotações. em seu caderninho e tudo começou a fazer sentido. Claramente foi o rapaz, John Horner, que estava gravando isto, e como a polícia nunca foi das melhores, principalmente a noite numa

cidadezinha no meio do nada.

Na manhã seguinte, nosso querido Holmes foi com a maior má vontade até a polícia local, mas sabia que deveria perguntar a Horner o que aconteceu e o que o jovem queria fazer.

John suplicou quando Sherlock disse que entregaria o rádio para a polícia, mas se acalmou quando meu amigo afirmou que não seria essa.

Horner estava com medo da condessa não tirar sua mãe do hospital se entregassem o rádio, mas o meu amigo, com o coração bom que eu sei que ele tem, se propôs a pagar o tratamento e ajudar o rapaz. Então, John não tinha mais argumentos contra, e aceitou.

No final, o carbúnculo azul foi encontrado em

um cofre jogado no rio há poucos dias, e a condessa foi presa por míseras semanas, quando logo foi solta por um vendedor alto e encapuzado, claramente outro problema ambulante.

A mãe de Horner melhorou, e foi pra casa com o filho.

Eu e Holmes estávamos finalmente empacotando nossas coisas, quando terminamos e nos sentamos na varanda da nossa estadia, ouvi a respiração de Sherlock ao tirar o charuto da boca, junto de outro som emitido:

- Elementar, Watson.

Estava tudo bem, por enquanto.

ANASI E O POTE DA SABEDORIA

Querido, que não é tão querido, diário. Acho que hoje foi o dia mais louca em muito tempo por aqui,

Não vou ficar enrolando pois sei que existe gente curiosa igual eu.

Hoje fui fazer uma caminhada, ver o rosto dos meus amigos, e procurar algo de interessante pra assistir, até que vi uma multidão passando.

Estava todo mundo aglomerado, parecia final de festa ou quando tem uma barata voadora em festa de família.

Fui ver o que era, e vi Anansi, a famosa Anansi. Eu adoro as histórias que ela trouxe e tals, mas confesso que como pessoa não sou tão fã.

Não sei, simplesmente não curto.

Ela estava subindo a escalada, estava na metade, e carregava uma expressão cansada, não muito animada.

Estava quase lá, quando foi acenar para a multidão e... QUASE! Quase caiu.

Fiquei ofegante por alguns segundos como todo mundo lá.

Ela demorou um pouco, mas se recompôs e seguiu a viagem.

Chegou lá em cima, ela conseguiu! Eu fiquei até que feliz por ela, mesmo não sendo fã.

Não ouvi direito o que conversavam, estava muito alto.

Só sei que Anansi desceu animada, porém nada no mundo mudou.

Passou-se algumas horas, e vi um monte de gente pedindo autógrafos para Anansi, provavelmente pelo ocorrido, e ouvi-a falar:

- Nyame me dará toda a sabedoria em alguns dias!

Eu achei estranho, mas legal também, Anansi tem um bom coração.

Depois de um tempo Anansi ia voltar para cima, para receber a sabedoria.

Aquela multidão voltou, estavam todos ansiosos e vibrando, até que fomos surpreendidos por Nyame, que ficou frente a frente com Anansi e a multidão e disse:

- Pelo que vi, não pensou no que te disse.

- ãn? Como assim?

- Lembra que eu te pedi para pensar sobre a sabedoria?

- Ah, eu não achei que estivesse falando sério...

- Mas eu estava. Anansi, a sabedoria não é conquistada por livros e objetos, e sim pela vida. Pode-se achar muito conhecimento em artefatos, livros, e até mesmo poemas, mas não se encontra sabedoria. Pense bem, e verá quanta sabedoria descobrirá dentro de si.

Nyame terminou sua fala, e todos ficaram em silêncio por alguns segundos, refletindo.

Alguns começaram a aplaudir e outros continuaram pensando.

Sempre admirei Nyame, acho ele alguém sábio, sábio sobre a vida, emoções, sentimentos... mas isso é relativo. Todos têm a sua opinião.

Depois disso foi algo meio genérico, a multidão se desfez e todos foram se espalhando.

Muitos começaram a achar Anansi mentirosa, outro continuaram admirando-a, e sendo fã. Eu só acho que ele estava confuso, foi um momento de "ganância" podemos dizer.

Mas e você, leitor? O que acha? (Eu sei que ninguém vai ler, pois bem, é meu diário, mas gosto de escrever isso, fico parecendo uma escritora famosa).

